

4 Os Professores e as Novas Tecnologias do Saber

4.1 Um olhar dobre a produção acadêmica atual

O impacto da introdução das tecnologias digitais, em especial o computador e a internet, no ambiente educativo, tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores em todo o mundo. Tendo em vista a importância das mudanças que vem ocorrendo, estes estudiosos, pertencentes às diversas áreas do conhecimento, preocupam-se em analisar, de diferentes perspectivas, os efeitos da penetração destas tecnologias no campo educacional.

No Brasil esta temática também vem ocupando espaço significativo entre as produções de pesquisadores nacionais nos últimos anos. Uma revisão da literatura sobre Internet e Educação, aponta um crescimento do número de trabalhos, uma diversidade de enfoques e, ao mesmo tempo, um caráter multidisciplinar ligados ao tema. São estudos sobre informática educativa, gêneros discursivos digitais, educação à distância e vários outros, desenvolvidos por profissionais ligados aos diferentes campos do saber como pedagogos, sociólogos, psicólogos, antropólogos etc. Notei, porém, que há uma maior concentração de trabalhos voltados para a implantação e uso da internet nas escolas de ensino fundamental e médio e seus efeitos sobre os alunos, e poucos trabalhos enfocando os docentes. No tocante aos impactos da introdução da tecnologia computacional e da Internet na universidade e seus efeitos sobre os professores, a quantidade de trabalhos é ainda menor. Mais especificamente no recorte que pretendo fazer, ou seja, as práticas leitoras e escritoras destes professores com o uso do recurso digital são raros os estudos. Penso que o presente trabalho poderá contribuir neste sentido. A literatura encontrada envolve teses e dissertações, artigos de revistas especializadas, artigos de revistas eletrônicas, livros e capítulos de livros.

A seguir, passarei a comentar o material encontrado, iniciando por trabalhos que problematizam as transformações educacionais num sentido mais amplo, bem como aquelas relativas às práticas de leitura e escrita decorrentes das novas tecnologias da comunicação.

Silva, Freire, Almeida e Amaral (2003), em “A Leitura nos Oceanos da Internet”, uma coletânea de ensaios que os vários autores foram construindo, por via eletrônica, a partir de um texto gerador, aprofundam a análise e compreensão do leitor da rede digital. No presente estudo, três áreas são mais intensamente tratadas: a formação, pela escola, do leitor do texto eletrônico; as características inerentes aos suportes que produzem e fazem circular esse texto (Internet e computador); e as formas de estruturação ou configuração dos textos digitais nas suas relações com os comportamentos do leitor. Os autores enfatizam a necessidade de um maior número de investigações sobre as múltiplas facetas dessa área no Brasil, principalmente no que se refere à introdução da Internet nas escolas públicas nacionais e aos diferentes aspectos a serem considerados no processo, dos relativos à infraestrutura aos pedagógicos.

Oliveira (2000) em “Internet e Educação: Uma análise das novas mediações nos processos de interação e construção de conhecimentos” (Tese) trata da chamada Informática Educativa, analisando as interfaces entre a disseminação social da informática e a emergência de novos paradigmas para a construção de conhecimentos na atualidade. A autora acompanhou os desdobramentos de uma lista de discussão de caráter educacional integrada por jovens em idade escolar até 16 anos, apreciando a possibilidade de aplicação do gênero lista de discussão como ferramenta no trabalho pedagógico. A lista de discussão analisada faz parte de um projeto internacional com o objetivo de implementar o uso da internet em situações de valor educacional e contribuir com o desenvolvimento do modelo de escola aberta. Trata-se de uma contribuição para a compreensão do papel desempenhado pelas novas tecnologias no cotidiano dos adolescentes urbanos contemporâneos, evidenciando que, por vir assumindo uma importância crescente nesse contexto, a informática carrega um potencial educacional importante, especialmente nas últimas séries do ensino fundamental e em todo o ensino médio.

“Letramento Digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas”, obra organizada por Coscarelli e Ribeiro (2005) é uma coletânea de trabalhos vinculados ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Na obra os autores avaliam que para atualizar os docentes é preciso repensar a sala de aula, refletir sobre os ambientes de ensino/aprendizagem, reconfigurar conceitos e práticas. Com a

emergência das novas tecnologias, emergiram formas de interação e de novos gêneros e formatos textuais. A escola, ao repensar o ensino e a possibilidade de empregar esta nova tecnologia nas salas de aula, empresta conceitos da sociedade do impresso e repensa os impactos da escrita em meio digital. Os computadores oferecem diversidade de tratamento da imagem e do texto na forma de programas concebidos para escrever ou diagramar. A Internet, por sua vez, constitui-se como novo ambiente de leitura e escrita, de pesquisa e publicação de textos. Neste sentido, letramento digital, para os autores, refere-se à ampliação das possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital, tanto para ler quanto para escrever. A obra reúne uma ampla diversidade de análises que tratam dos seguintes temas: as relações do usuário com as interfaces digitais presentes no cotidiano; possibilidades presentes e futuras da ‘convergência digital’; alfabetização e letramento digital; questões para a prática pedagógica; discussão sobre a alfabetização digital, problematizando esse conceito e pensando suas relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita; práticas de leitura tradicionais e em meio digital; a escrita nos *chats*, e finalmente, as relações entre ensino/aprendizagem da escrita e tecnologia digital, apresentando o *e-mail* como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula.

Ramal (2001), em “Educação na Cibercultura – hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem” (Tese), avalia que o hipertexto digital é mais do que uma forma de leitura e escrita não linear. Como metáfora das novas relações com o conhecimento, essa tecnologia intelectual vem trazendo questionamentos e provocações aos diversos campos do saber humano, entre eles a educação. Neste sentido, a autora discute e analisa a educação que começa a ser desenvolvida no contexto da cibercultura. Compara o mundo escolar ao novo mundo virtual e lança críticas às práticas escolares vigentes, ao mesmo tempo em que demonstra como o ambiente hipertextual - o ciberespaço- pode promover mudanças nas formas de comunicação e nos processos de construção de conhecimentos. Tendo como guias teóricos as reflexões de Mikhail Bakhtin e Pierre Lévy, ela propõe uma compreensão do hipertexto como uma nova versão da polifonia bakhtiniana, sugerindo que este conceito inspire uma nova concepção de currículo escolar, o currículo escolar em rede, e de um novo perfil para o professor, que seria, então, o arquiteto cognitivo e o dinamizador da inteligência.

Refletindo sobre as novas práticas de leitura e escrita suscitadas pelo surgimento da Internet e os desdobramentos daí advindos, Freitas e Costa (2005), em seu livro “Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola”, a partir da reunião de vários artigos de diferentes pesquisadores ligados ao grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento, da Universidade de Juiz de Fora, apresentam os mais recentes resultados de uma pesquisa centrada nas práticas de leitoras e escritoras, na Internet e na escola, de um grupo de estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os textos apresentam alguns resultados práticos e reflexões teóricas, a partir dos estudos realizados, abordando diferentes aspectos pesquisados. Os capítulos iniciais servem de base teórica para os seguintes, que relatam os achados da pesquisa propriamente dita. Inicialmente apresenta-se a trajetória da tecnologia da escrita, do seu surgimento à escrita teclada na Internet. Em seguida são aprofundadas reflexões sobre a relação oralidade/escrita, defendendo que esta interface parece se dissolver de maneira relevante no ciberespaço, especialmente no uso da Internet, que seria responsável pelo surgimento de novos gêneros hipertextuais, como por exemplo: bate-papo nos *chats*, *e-mails*, *forum*, listas, *site*, *home-page*, ligados à interatividade verbal e que se tornaria responsável por novas formas e funções de leitura e escrita. Também é discutido o papel da mediação dos instrumentos culturais, numa abordagem sócio-histórica, indagando sobre as possíveis relações entre a escrita construída na Internet e o desenvolvimento cognitivo. Outro texto componente da obra trata da necessidade de se analisar a escrita e a leitura de adolescentes mediadas pela Internet e suas implicações sociais, psicológicas, cognitivas e lingüísticas, bem como suas implicações didático-pedagógicas. Por fim, discutem-se os vários temas que surgiram dos estudos desenvolvidos no processo da pesquisa, tais como: as salas de bate-papo compreendidas como espaços de produção de linguagem; a produção de um novo código discursivo da língua, próprio de um novo gênero que seria a conversação-escrita nos *chats*.

Um outro trabalho que busca refletir especificamente sobre a leitura influenciada pelo advento da tecnologia eletrônica é o de Pontes (2004), intitulado “Considerações sobre a Leitura na Cultura das Mídias”, apresentado na revista digital Morpheus, acesso realizado em 23/8/05 (<http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero04-/apontes.htm>). A perspectiva sugerida é a de lançar uma discussão sobre a revolução do texto eletrônico e o

futuro da leitura. No artigo o autor tece algumas considerações sobre os espaços de convergência entre cultura midiática e leitura, com o objetivo de analisar a natureza dos textos dados a ler e suas implicações no espaço social. Para ele, o lugar da convergência e do diálogo entre leitura e tecnologia é o espaço da cultura, mais especificamente o espaço materializado pelos meios/suportes, entendidos aqui como materiais nos quais os textos são apresentados ao leitor no ato da leitura. Estes são resultantes de um sistema complexo que contempla desde o surgimento de uma idéia até a concretização de um produto. O processo que possibilita os meios é o que o autor compreende nesse trabalho, por tecnologia. Ao fazer uma incursão sobre as leituras que contemplam esse diálogo (leitura e tecnologia), ele observou que três aspectos são bastante recorrentes quando o que está em questão é o ato da leitura, são eles: a natureza do suporte em que os textos são dados a ler, os efeitos da forma material do suporte sobre o corpo do leitor e suas implicações para o sentido do texto.

Como podemos ver os trabalhos até aqui apresentados problematizam o contexto atual onde as práticas de ler e de escrever, assim como aspectos mais ligados à área educacional como a transmissão do conhecimento, vem sofrendo transformações importantes, com o advento da tecnologia eletrônica e da interconexão dos computadores em rede, a Internet.

A partir de agora, os estudos que serão apresentados centralizam suas análises na figura do professor e suas relações com a emergente cultura eletrônico-midiática. Algumas destas análises são de autores referenciais na área educacional, como Philippe Perrenoud e Andy Hargreaves. Estes trabalhos, realizados em contextos externos ao Brasil, nem por isso deixam de ser norteadores das reflexões necessárias, frente ao cenário de fortes mudanças decorrentes das novas tecnologias informacionais. São estudos voltados, em sua maioria, para professores inseridos em escolas de ensino médio e fundamental, pois como falado anteriormente, são raros os trabalhos que analisam o espaço universitário.

Um dos trabalhos cujo foco é dirigido para o professor de ensino fundamental e médio, frente ao recurso digital é o de Abreu (2003), intitulado “A Internet na prática docente: novos desafios e conflitos para os educadores” (Tese). Nele a autora toma como objetivo compreender como estes docentes estão lidando com estas transformações geradas pelo uso da rede nos processos de produção e

divulgação dos conhecimentos e informações, ou seja, que significados e sentidos estão atribuindo ao seu trabalho no atual contexto e como percebem as atuais condições e oportunidades do mercado de trabalho na educação. A autora entende que a difusão da Internet resultou em profundas transformações sociais, econômicas e culturais, e no que concerne à educação, há fortes pressões para sua aplicação no cotidiano pedagógico. É neste cenário, então, que o professor emerge como o principal responsável pela introdução das novas tecnologias no ambiente escolar e pelas transformações na prática pedagógica que essas tecnologias tornam necessárias. Este desafio constitui-se uma fonte de conflitos pessoais, tensão e sofrimento, segundo suas reflexões. No sentido de investigar os problemas pessoais e profissionais que estão enfrentando, foram entrevistados vinte professores do ensino fundamental e médio, que utilizavam esta tecnologia com os seus alunos. Ao analisar os depoimentos colhidos, ela conclui que, ao serem confrontados com as novidades trazidas pela Internet, esses docentes passam a reavaliar a sua participação no processo pedagógico em pelo menos três setores: estão revendo a concepção de conhecimento, aquela da transmissão de verdades estabelecidas, que tradicionalmente tem sustentado as práticas pedagógicas; estão questionando o papel do professor como “dono do saber” na era da informação e tentando reconstruir sua identidade profissional perante uma realidade que subverte as expectativas e hierarquias tradicionais e, por fim, estão reavaliando a estabilidade de seus empregos, com o temor da substituição ou exclusão do mercado de trabalho em educação, por máquinas ou professores mais jovens que dominam sua operação.

Saindo do contexto nacional e passando ao contexto português, há reflexões importantes a respeito da formação da identidade dos professores, ao verem-se frente às demandas trazidas pelas novas tecnologias informacionais. Na obra “Os Professores: Identidades (Re) Construídas”, Adão e Martins (2004), no capítulo “Desenvolvimento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação”, entendem que qualquer reflexão sobre a questão da identidade profissional do docente na atualidade não pode deixar de considerar o momento presente e o futuro que se prendem às novas tecnologias da comunicação, que vem alterando ainda mais as formas de comunicar, de decidir, e de atuar dos professores. Para os autores, uma vez que, através das redes digitais circula e é debitada uma grande quantidade de informação, torna-se a orientação nestas

redes, um requisito do próprio saber e um meio de sobrevivência no mundo da informação digital. Assim, para se gerir essa informação a que se tem acesso, torna-se necessário desenvolver destrezas de pensamento elaboradas, com as de análise, síntese e avaliação. O professor para acompanhar as transformações nas estruturas da sociedade e perante o desenvolvimento científico e tecnológico tem que aceitar novos desafios, colocando-se como investigador permanente, que não se limita a transmitir, explicar e impor saberes, mas procura informar-se, apreender ou descobrir novos conhecimentos e refletir sobre a sua prática. Para além de um transmissor de saber, ele deverá ser um produtor do mesmo, informando-se e, ao mesmo tempo, formando-se de modo contínuo. Os professores necessitam para atuar, tanto dos saberes próprios da sua área disciplinar, como de suas competências pedagógicas. Mas a função principal do ensino deixa de ser a transmissão de conhecimentos, e a competência docente desloca-se para a de ensinar a aprender e a pensar.

Os autores procuram desmistificar receios, conforme os que vimos referidos no trabalho anterior, a respeito do temor da substituição do professor pela tecnologia. Para eles, a introdução das novas tecnologias na educação não vem diminuir o papel dos professores, mas antes modificá-lo, atribuindo-lhe novas competências, ao colocar em suas mãos uma potente ferramenta pedagógica que pode contribuir grandemente para aperfeiçoar e facilitar as ações pedagógicas. Tal objetivo passa por uma formação inicial e contínua destes docentes de modo a apropriarem-se de maneira crítica das possibilidades e limites da aplicação das tecnologias nas suas práticas pedagógicas diminuindo resistências e tentando assegurar uma integração do melhor modo possível dessas tecnologias nas atividades educativas.

Um dos maiores analistas das questões educacionais atuais é Philippe Perrenoud. Em seu livro “Dez novas competências para ensinar” (2000), o autor propõe um inventário das competências que contribuem para reorganizar a atividade docente. Nesta obra ele opta por não abordar as habilidades mais tradicionais e que permanecem em pauta, mas prefere privilegiar aquelas que emergem na atualidade, neste sentido, ele enfatiza aquilo que está em processo de mudança, ou seja, as competências que representam mais uma meta do que um conhecimento já consolidado. Entre as dez competências inventariadas encontra-se “Utilizar novas tecnologias”. Dentro desta competência mais geral, o autor

decompõe em quatro competências práticas básicas que o professor, tanto na formação contínua quanto na inicial, deve adquirir, são elas: utilizar editores de texto; explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino; comunicar à distância por meio da telemática; e, finalmente, utilizar ferramentas multimídia no ensino. No domínio destas competências é preciso que se leve em consideração aquelas que se relacionam mais diretamente com a utilização das novas tecnologias informacionais, e aquelas que são de uma natureza mais abrangente e são, ao mesmo tempo, fatores facilitadores e determinantes nas opções e práticas pedagógicas dos professores. O autor entende que estas competências só terão validade no contexto educativo, na medida em que o ensino esteja adaptado à sua utilização, deste modo, os professores poderão questionar a validade atual das suas práticas e ficarão sensíveis às modificações que estas tecnologias provocam nos processos intelectuais e reflexivos. Dito desta forma, as competências básicas que se espera do professor não estão inseridas no interior de uma didática da informática, nem deve ser este o seu objetivo. Assim, a formação de professores para atuar com as novas tecnologias pressupõe uma formação relacionada ao desenvolvimento das capacidades de analisar criticamente, julgar, deduzir e formular hipóteses, desenvolver as faculdades de observação e de pesquisa, usar a capacidade imaginativa, assim como a capacidade de analisar textos e imagens e usar estratégias de comunicação. Para o autor, a formação para utilizar adequadamente as novas tecnologias não deve passar por uma simples instrumentalização do professor para operar com o equipamento informático e os programas disponíveis, assim sendo, torna-se muito mais importante estar capacitado quanto ao conhecimento e análise das melhores soluções metodológicas para o processo ensino-aprendizagem.

Em um momento de seu livro “Escola e Cidadania” (2005), Perrenoud discute, de maneira mais abrangente, o papel da Internet na escola e como um instrumento para a construção da cidadania. O capítulo se chama “Ciberdemocratização: as desigualdades reais diante do mundo virtual da Internet”, nele o autor alerta que seria ingenuidade acreditar que, o simples fato de introduzir a rede Internet na escola, possa por si só, significar um progresso. Ele não defende um isolamento da escola diante das imensas transformações ocasionadas pelas novas tecnologias da informação, mas o que combate é a idéia das redes telemáticas como um instrumento libertador e igualitário como, muitas

vezes é veiculado. Sua avaliação é de que a alienação e as desigualdades intelectuais e culturais manifestam-se de diferentes modos diante das novas tecnologias e também diante do livro, por exemplo, mas estas não desaparecem como num passe de mágica e, na verdade, podem até mesmo, agravar-se se não houver cuidado no trato das questões aí envolvidas. Para o autor, o verdadeiro problema é pedagógico, e guarda relação com a presença de competências muito desiguais para assimilar e usar esta tecnologia. A capacidade para se mover de modo consciente e crítico no ambiente de rede, é o que, segundo ele, faz verdadeiramente a diferença. Perrenoud avalia que as democracias contemporâneas têm um grande desafio pela frente, que é ter o controle das tecnologias, uma vez que, mecanismos sutis de decisão agem no controle das redes, que, sob certos aspectos, viabiliza uma democracia direta e planetária, mas por outros, é a expressão de uma sociedade dividida em que uma minoria de especialistas e de decisores tem poderes para traçar o futuro da maioria.

Considerado como uma das análises mais importantes sobre o trabalho e a cultura dos professores no mundo pós-moderno, situa-se a obra de Hargreaves (1998), intitulada “Os Professores em Tempos de Mudança – O trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-Moderna”. Embora o autor não traga nenhum capítulo específico de seu trabalho para tratar das novas tecnologias, estas estão presentes em vários pontos do livro. A idéia central deste estudo é que os desafios e as mudanças que os professores e as escolas enfrentam, não estão confinadas à educação, pois estão enraizadas antes numa importante transição sócio-histórica de um período moderno para outro pós-moderno. Assim, tanto escola quanto os professores são cada dia mais afetados pelas exigências e contingências de um mundo pós-moderno complexo e acelerado. Alguns fatores estão diretamente ligados a esta fase, são eles: a globalização da atividade econômica; as relações políticas; a informação; as comunicações e a tecnologia. Para o autor a comunicação e a tecnologia estão comprimindo o tempo e o espaço, gerando como conseqüência um ritmo de mudança cada vez mais rápido, tanto naquilo que procuramos conhecer como nas maneiras de conhecer. Isto, por sua vez, ameaça a estabilidade e a resistência das nossas bases de conhecimento, tornando-as frágeis e provisórias. O desafio para os professores consiste em saber como empenhar-se de maneira eficaz nas imagens e tecnologias do mundo pós-

moderno sem se desfazerem da análise cultural, do juízo moral e da reflexão estudada.

Dois estudos localizados em contexto nacional e que tiveram como foco de atenção os professores universitários e o uso das novas tecnologias informacionais, são apresentados a seguir: um deles é “O Mal-Estar Docente Perante o Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação” (Santos, Stobäus, Mosquera e Missel), apresentado na revista digital chamada Revista Eletrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación – REICE, vol.3, n.1, 2005, acessada em 23/05/06, cujo endereço eletrônico é o seguinte: (http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol3n1_e/Steren.pdf). Neste trabalho os autores partem do pressuposto de que com a introdução dos recursos informáticos os contextos educacionais encontram-se perante uma crise, e a escola vem sendo alvo de severas críticas, tanto no que diz respeito à sua função quanto de sua ação pedagógica entre outras. Aceitam que a mudança do contexto social no qual a introdução dos meios informáticos está cada vez mais concreta é um fato, e a escola não pode ficar à margem desse processo, uma vez que a maneira de divulgar as informações muda completamente, passando de um sistema linear para um sistema interativo e sistêmico. A pesquisa realizada teve como questão central revelar as percepções dos professores sobre as possíveis causas do mal-estar no uso das novas tecnologias da informação. Nesta análise, entendem que é necessário pensar-se a partir de um paradigma global, tentando analisar todos os fatores, deixando de lado o modelo que acredita numa causa única. O estudo localizou-se em três instituições universitárias do estado do Rio Grande do Sul. Como resultados encontrados, entre outros, os autores enumeram os seguintes: todos os docentes utilizam o instrumental da informática, de modo mais amplo, porém desconhecem o potencial de sua aplicação mais efetiva em sala de aula, utilizando entretanto a Internet e outras ferramentas como fonte de obtenção da informação que utilizam e/ou disponibilizam para os seus alunos. Outro aspecto salientado é que gostariam de poder receber mais capacitação para o uso, pois na maioria das vezes, se consideram autodidatas na sua formação e no uso das tecnologias. Os professores disseram ainda, que para trabalhar com as tecnologias, na educação, é necessário demandar uma maior quantidade de tempo, tanto na sua formação e atualização, como no seu trabalho junto aos estudantes, presencial e virtualmente.

Conforme citado anteriormente, nossa pesquisa institucional antecedente intitulada “O Campo Simbólico da Universidade – Os Professores, a Diversidade Cultural e a Excelência Acadêmica” (Dauster, T.; Amaral, D. et alii, 2005), é um dos estudos que teve como foco os professores de uma universidade, cujos comentários mais detalhados serão expostos a seguir.

4.2 A Pesquisa Antecedente

Em 2005 foi concluída a pesquisa institucional “O Campo Simbólico da Universidade – os professores, a diversidade cultural e a excelência acadêmica”, coordenada pela Professora Tania Dauster, e apoiada pelo CNPq e FAPERJ.

Como integrante da equipe de pesquisa, comecei a construir, no âmbito desta investigação, as questões que agora são alvo de meu estudo para o doutorado.

Esta pesquisa institucional anterior teve como objetivo investigar as práticas de leitura e escrita, assim como a transmissão da cultura letrada no contexto universitário. Entre outras, surgiram as seguintes questões: Será que o ensino superior forma leitores? O que é formar leitores? Como se dá no cotidiano a transmissão da cultura letrada? Como estas questões se articulam com a chamada “excelência acadêmica” e com a diversidade sócio-cultural dos estudantes?

O contexto onde foi realizada a pesquisa é uma instituição universitária, situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, de orientação religiosa, particular, vista como de elite por muitos, e destaca-se por sua cultura de ensino e pesquisa.

Na perspectiva metodológica adotada, buscou-se no discurso do universo estudado, os significados, valores e representações recorrentes. As entrevistas foram feitas com o intuito de cobrir as perguntas e temas citados, considerando, ao mesmo tempo, uma perspectiva de relato em uma linha de história de vida. O propósito foi captar o ponto de vista dos professores nos seus próprios termos.

Através de entrevistas semi-estruturadas, ouvimos um grupo de nove professores, um universo pequeno, porém, significativo, dado o volume e a riqueza dos depoimentos concedidos. Os professores entrevistados pertencem aos

seguintes departamentos: Psicologia, Física, Filosofia, Serviço Social, História, Letras, Matemática, *Design* e Educação. Ao todo foram sete mulheres e dois homens, com idades variando entre 39 e 70 anos. Praticamente a totalidade deles, com exceção de uma professora, fazem parte do quadro principal da instituição e trabalham em regime de tempo integral. Todos tem doutorado, e alguns já fizeram pós-doutorado. A seleção dos entrevistados foi feita considerando-se a rede de relações da equipe de pesquisa.

Após análise das entrevistas realizadas, os resultados encontrados, podem ser expressos conforme a seguir.

No que diz respeito à forma como os professores vêem o seu espaço físico e social de trabalho, isto é, o campus, os professores são unânimes no seu apreço pelo mesmo. A estrutura física, relativamente pequena e concentrada, é rodeada de áreas verdes, que funciona como um convite ao exercício da transdisciplinaridade que surge, por sua vez, como um valor acadêmico e que se revela no trânsito de estudantes e professores pelas distintas áreas do conhecimento. Também foi ressaltada como ponto positivo a dimensão humanista da instituição.

Verificou-se que, embora percebendo de forma positiva a universidade em que trabalham, os professores vêem problemas na sua organização no que diz respeito, por exemplo, à “renovação de quadros” e “sobrecarga dos professores” incitados por uma “cobrança de produção” que desafia o tempo a ser dedicado ao ensino.

Embora os professores não usem a categoria autor, todos o são, uma vez que são profissionais com mestrado e doutorado, publicam livros e artigos. Quanto ao gosto pelos livros, todos admitiram que apreciam ter livros. Dois professores se classificaram como “consumidores” de livros. Este é um dado recorrente entre os professores: comprar livros, guardá-los tanto na universidade quanto em suas bibliotecas pessoais, adquiri-los com verba de pesquisa, emprestá-los a alunos e colegas e doá-los à biblioteca da instituição.

A aquisição de livros é um ato que simboliza um padrão de consumo e um estilo de vida. Os livros representam, para eles, um “bem” cultural estimado. Uma vez que não é o objeto, em si mesmo, que encerra a força simbólica, mas o uso que se faz dele nas relações cotidianas, vimos que, é desta forma, que o livro se torna símbolo e signo desse grupo de professores.

Uma outra questão investigada foi o relacionamento dos professores com as “antigas” e novas tecnologias da leitura e da escrita. Como eles vêm lidando com estas transformações da escrita e da leitura? Quais as representações e práticas a respeito dessa “nova escrita”? Como e em quais ocasiões praticam a escrita à mão? Quais os significados destas escritas?

Os resultados mostraram o seguinte: a maioria dos entrevistados pratica a escrita à mão com regularidade e também faz uso da escrita digital nas suas atividades diárias. Percebeu-se que uma prática não exclui a outra, variando apenas a frequência e intensidade de uso de um ou outro suporte. No entanto, um dos entrevistados disse que, praticamente, não escreve mais à mão, pois perdeu a lógica de fazê-lo, e prefere a escrita eletrônica. O uso da escrita na tela não se reduz ao envio de mensagens, embora esse seja o uso mais frequente. Vários professores disseram escrever diretamente na tela ao preparar seus trabalhos, mas, antes, fazem um rascunho ou pequeno esquema do mesmo, à mão. O manuscrito é usado com muita frequência neste grupo de professores, principalmente para execução destes esquemas prévios. Constatou-se que, eles são mais usados, quando o trabalho a ser feito necessita de uma maior elaboração intelectual. As primeiras idéias, o início do processo criativo, parece surgir melhor no papel que na tela. Trabalhou-se com a hipótese disto se dever à força de uso das práticas já interiorizadas e, ao mesmo tempo, um certo gosto estético pelo uso do papel.

Verificou-se que, no espaço universitário, convivem tanto as práticas de escrita manuscrita, enfatizada pela maioria dos professores, como preferíveis quando se trata das coisas do “coração”, quanto as práticas de escrita na tela, vista por alguns dos entrevistados como “frias”. Pudemos entender, desta forma, veículos e instrumentos de escrita compondo um sistema binário e classificatório que contrasta o “coração”, o íntimo, o caloroso e afetivo do manuscrito, com o dado numérico, “impessoal” do suporte digital interpretado como “frio”.

A prática da leitura na tela implica em novos usos do corpo, novos gestos e posturas, que são tidas como desconfortáveis, uma vez que limitam os movimentos de quem lê e escreve. Verificou-se que o *e-mail*, a correspondência eletrônica é o tipo de videoescritura mais utilizada. A troca de mensagens é uma prática recorrente e incorporada à rotina acadêmica. O teor das mensagens trocadas, é, geralmente, relativo ao trabalho.

A objetividade e rapidez com que as mensagens circulam entre a comunidade acadêmica, foi considerado um ponto positivo, uma vez que libera os professores para outras atividades. Há, no entanto, tensões neste aspecto, pois, mesmo facilitando o cumprimento das tarefas, também veicula novas demandas que chegam na tela. Verificou-se, ainda que a escrita digital abreviada não é utilizada pelos professores, “é uma agressão à língua” disse uma das professoras entrevistadas.

As relações sociais como vão sendo reveladas mostram não só a convivência e o uso das novas tecnologias digitais, como, também, a manutenção de outras tecnologias ligadas ao lápis, ao papel e à caneta. Ou seja, pode-se dizer, que existem pelo menos dois estilos acadêmicos geradores de sociabilidades e rituais distintos, nos diferentes níveis de ensino, pesquisa e administração.

Todos os entrevistados mencionaram o pouco tempo que têm para dedicar-se às leituras, para escrever, para preparar uma boa aula. Vimos que, entender a escrita e a leitura no momento atual, significa levar em consideração, além das transformações do suporte que as materializa, também a influência da aceleração dos ritmos contemporâneos de vida. Estes, por sua vez, estão intimamente relacionados à criação destas novas tecnologias. A aceleração é vista associada às mudanças não só nos valores dos indivíduos, bem como nos seus padrões de comportamento.

Nos usos do tempo para ler e escrever, constatou-se que os professores organizam-se de modo diferencial a partir de suas disposições, seus gostos e suas habilidades. Ao utilizarem as formas mais tradicionais de leitura e de escrita, assim como a nova escrita eletrônica, eles tentam, simultaneamente, otimizar esse tempo e manter a qualidade do seu trabalho.

No tocante à aula, à pesquisa e à chamada excelência acadêmica, vimos que o discurso de alguns professores nos fez pensar que existe, nesta universidade, uma pluralidade de estilos de aula, uma construção histórica e social que vai transformando as formas de ensino universitário, de um “antes” que era “cuspe e giz”, para hoje com o uso de recursos tecnológicos, que, segundo alguns depoimentos, correm o risco de “confundir informação com conhecimento”. São diferentes estilos que convivem no dia-a-dia da universidade.

Todos os professores, apesar de fazerem uso da fotocópia, criticam-na, pois entendem que ela representa um constrangimento para a produção do sentido,

embora seja uma prática acadêmica indispensável para compor o programa de cada professor. Isto se explica pelo preço dos livros, pelo difícil acesso à parte da literatura selecionada para o estudo, assim como pelo leque de interesses que se constitui como referência para o professor.

Como já foi mencionado, os professores definem-se, também, como orientadores e pesquisadores. Neste sentido, existe um pacto entre esta categoria docente e a instituição, que reconhece que o professor, para ser pesquisador, deve ter um limite de horas na sala de aula. Hoje em dia, espera-se que esta categoria de professor ministre dois cursos por semestre, um na pós-graduação e outro na graduação. Esta é mais uma mudança, pois, até recentemente, a partir de um certo número de orientandos, o professor/pesquisador podia ministrar apenas um curso por semestre. Uma recorrência encontrada nos depoimentos é a de que a pesquisa é um valor.

Pode-se dizer que, as concepções que foram abordadas neste trabalho, sobre o ensino na sua relação com a pesquisa e sobre o lugar da aula na vida dos professores, fazem parte de um sistema de crenças da vida universitária e que, como tal, são orientadores dos sistemas de práticas e rituais acadêmicos. Desta forma, preparar a aula, usar um texto como “pretexto” e interpretá-lo, empenhar-se, ter o texto na mão, encenar um diálogo, usar recursos tecnológicos contemporâneos, montar “pastas” para fotocópias e articular pesquisa com ensino, são facetas ritualísticas que se repetem e dão identidade à vida acadêmica. Ou seja, dão sentido e são plenas de significado na lógica do “modelo de universidade” experimentada por estes professores. Por outro lado, pode-se interpretar tais concepções como aspectos geradores da chamada “excelência acadêmica”, uma vez que estes rituais e práticas, em que pesem as diferenças e contradições, constituem a dinâmica dos modelos próprios dessa mesma instituição.

Uma das questões propostas para investigação referiu-se a chamada diversidade sócio-cultural dos estudantes na universidade em questão (Dauster, 2004; Pavão, 2004; Candau, 2003), associada às relações entre os estudantes, a leitura e a escrita, assim como, as iniciativas de formação do leitor. Após análise das entrevistas, foi possível desfazer o estereótipo de que apenas os alunos dos setores populares têm dificuldades com a norma culta e com a leitura. Estas dificuldades perpassam as classes sociais, embora devam ter suas especificidades,

algo que não foi possível averiguar nessa pesquisa. Vimos também que, embora a difusão da leitura e da escrita seja diferencial entre os alunos, há intenções e esforços no sentido de minimizar o problema. Isto se dá tanto por iniciativa individual, quanto por propostas curriculares. Merece maior aprofundamento, em pesquisas posteriores, um ponto que apenas foi levantado nesta investigação: a relação entre a construção social do tempo e a construção do conhecimento no espaço universitário.

Para finalizar, vimos que, encontram-se recorrentemente, nas falas dos professores, questões ligadas à ética e à função social do conhecimento, por sua vez, símbolos de um conjunto distinto de disposições, que são: tendências, capacidades, proposições, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações. Os professores falaram de um certo lugar, isto é, a universidade, mas, de distintas tradições acadêmicas. Mesmo considerando-se as suas especificidades, as recorrências de valores tais como: comportamento ético e função social do conhecimento, dão o tom e o caráter da vida acadêmica nesta universidade. Do mesmo modo, fazem parte de seus sistemas de crenças e, até certo ponto, são orientadores de suas ações, em que pesem as tensões entre o que se pensa e o que se faz.

Diversas práticas de leituras e escritas vão sendo transmitidas de forma mais ou menos intencional, nas sociabilidades acadêmicas. Instituem-se, dessa forma, relações de socialização das distintas gerações na cultura letrada.

Como estratégia adotada desde as pesquisas institucionais anteriores, o relatório final da investigação (Dauster, T.; Amaral, D. et alii, 2005), foi composto de vários artigos produzidos pelo grupo. Dentre estes, encontra-se o meu trabalho, intitulado “Entre o manuscrito e o digital: as práticas de leitura e de escrita de professores universitários”. Nele identifiquei que os professores, apesar de serem usuários de computadores, apresentam uma nítida diferença quanto às práticas de uso e quanto aos significados atribuídos à tecnologia eletrônica. Do mesmo modo, entendo que, a introdução da tecnologia digital no contexto universitário, vem provocando transformações tanto no modo de atuação docente, em especial quanto às suas práticas leitoras e escritoras, bem como nas suas relações sociais e, na forma como estas atividades, perpassadas por essa nova tecnologia, relacionam-se ao fator tempo, em seu cotidiano de trabalho. Estas são as questões que pretendo aprofundar nesta tese.